

O TERRITÓRIO, A LITERATURA: *EL ASCO* E A FRONTEIRA
TERRITORY, LITERATURE: EL ASCO AND THE BORDER

Giovani T. Kurz⁷⁰

RESUMO: Desenvolve-se, neste artigo, uma leitura do romance *El asco: Thomas Bernhard en San Salvador*, de Horacio Castellanos Moya, a partir das questões territoriais que ele toca e, por extensão, do problema da fronteira – seja no sentido político, seja no sentido estético. Para tanto, parte-se da filosofia de Leopoldo Zea, construída essencialmente em *Discurso desde la marginación y la barbárie*; do pensamento de Walter D. Mignolo, desenvolvido em *Local Histories/Global Designs: coloniality, subaltern knowledges and border thinking*; e das ideias sobre temporalidade e territorialidade apresentadas por Josefina Ludmer em *Aquí América latina: una especulación*. Chega-se, assim, à ideia do entre-lugar como lócus de enunciação do romance, problema abordado a partir de Silviano Santiago e, indiretamente, Homi K. Bhabha. Por fim, percebe-se, no romance, um narrador “em trânsito”, dividido entre passado e presente, Primeiro e Terceiro mundos.

Palavras-chave: Literatura latino-americana; fronteira; Horacio Castellanos Moya; Josefina Ludmer; Walter Mignolo.

ABSTRACT: This article develops a reading of Horacio Castellanos Moya's novel *El asco: Thomas Bernhard en San Salvador* from a territorial perspective – and, by extension, from the perspective of the border – political or aesthetic. To do so, it is based on Leopoldo Zea's *Discurso desde la marginación y la barbárie*, Walter D. Mignolo's *Local Histories/Global Designs: coloniality, subaltern knowledges and border thinking* and Josefina Ludmer's ideas on temporality and territoriality presented in *Aquí América latina: una especulación*. Finally, we come to the idea of the in-between space as the locus of enunciation of the novel, an issue approached by Silviano Santiago and, indirectly, by Homi K. Bhabha. Thus, it is possible

⁷⁰ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná-UFPR.

to notice, in the novel, a “moving” narrator, divided between presente and past, between First and Third worlds.

Keywords: Latin American literature; border; Horacio Castellanos Moya; Josefina Ludmer; Walter Mignolo.

*Só existem centros, no plural, pois
um único centro é um infinito de centro.*
Raúl Antelo⁷¹

A questão territorial na produção literária latino-americana é dado incontornável – de Comala a Macondo, o protagonismo dos territórios-personagens é parte inextricável da literatura na América Latina. Em sentido similar, o tensionamento constante entre um centro possível e sua periferia – consequência inevitável da dicotomização – é também, talvez desde o *Facundo* de Sarmiento, elemento fundacional das narrativas ibero-americanas. A relação extrapola, contudo, a representação territorial nas ficções, e passa a integrar o debate estético anexo à produção artística – há uma estética liminar? E, existindo uma hierarquização dos modos de produção, haveria formas mais adequadas de, esteticamente, responder a um contexto sócio-político específico? Cabe questionar, desse modo, se seria possível desenvolver um debate estético dissociado do debate político e, além, se – caso fosse de fato possível – seria produtivo desenlaçar ambos os horizontes. No caso latino-americano, é possível/produtivo desenvolver uma análise literária que não toque o *território* – “uma delimitação do espaço e uma noção eletrônica-geográfica-econômica-social-cultural-política-estética-legal-afetiva-de-gênero-e-de-sexo, tudo ao mesmo tempo”. (LUDMER, 2010, p. 110)

1 Um *nojo* latino-americano

A publicação, em 1997, de *El asco: Thomas Bernhard en San Salvador*, de Horacio Castellanos Moya, reforça a raiz política da ficção latino-americana⁷². Respondendo ao ciclo histórico de violência ininterrupta a que se via preso El Salvador, o romance constrói-se em um

⁷¹ (2013, p. 138).

⁷² Sobre outras ficções construídas a partir da mesma relação, cf. Ludmer (2013).

só parágrafo, ao longo de suas 74 páginas, num monólogo irascível do autoexilado Edgardo Vega.

Castellanos Moya, inclusive, já de início joga com a fronteira de duas maneiras distintas, numa nota – “Advertencia” – que precede o romance:

Edgardo Vega, el personaje central de este relato, existe: reside en Montreal bajo un nombre distinto –un nombre sajón que tampoco es Thomas Bernhard–. Me comunicó sus opiniones seguramente con mayor énfasis y descarnado de los que contiene este texto. Quise suavizar aquellos puntos de vista que hubieran escandalizado a ciertos lectores.⁷³ (MOYA, 2018, p. 5)

A primeira fronteira, mais evidente, é física: o romance, ambientado integralmente em El Salvador, é narrado por um personagem que a *advertencia* diz morar no Canadá – aqui, deve-se notar, a relação não é apenas física, uma vez que o tensionamento se dá também no choque primeiro/terceiro mundos. Ao longo do romance, ainda, torna-se transparente que o narrador é salvadorenho, ainda que não tenha voltado a sua terra natal em quase 20 anos, o que ele faz naquele momento em razão do falecimento de sua mãe.

A segunda fronteira, mais sutil, é literária: o escritor – enquanto produtor da obra de ficção *El asco* –, vive, ele próprio, em Montreal. O nó, contudo, se complexifica, uma vez que, já na primeira linha da narrativa, nota-se que o interlocutor de Edgardo Vega se chama Moya, tal qual o escritor. O que está em jogo, aqui, é o próprio estatuto ficcional. O romance, construído sobre o fracasso democrático, “civilizatório”, de El Salvador, pouco ou nada de ficcional apresenta em seu conteúdo. Assim, a nota de abertura, ainda que breve, elabora também a relação – aparentemente convencional – autor-obra-leitor.

⁷³ “Edgardo Vega, o personagem central desta história, existe de fato: reside em Montreal com um nome diferente – um nome saxão que não é Thomas Bernhard. Ele me contou suas opiniões com muito mais ênfase e crueza do que pus no livro. Optei por suavizar os pontos de vista que poderiam escandalizar certos leitores”. Esta tradução e as traduções subsequentes de *El asco* são de Antônio Xerxenesky.

Ambas as noções de território (seja físico e, assim, político; seja literário e, assim, estético) são problematizadas constantemente pela literatura produzida na América Latina. No primeiro caso, tem-se a bifurcação entre a imaginação territorial do *boom*⁷⁴ e a literatura condicionada pelo exílio⁷⁵ – “o exílio pode ser visto como uma dissidência no seio da linguagem e a estrangeiridade como constitutiva para a criação” (SCHOLLHAMMER, 2004, p. 14) –, casos em que a questão do território enquanto solo/fronreira ocupa posição central no desenvolvimento das narrativas, ainda que por vias distintas. No segundo caso, a fronteira em jogo é a da literatura de testemunho, historicamente constituída, no contexto latino-americano, pelo discurso confessional do subalterno conduzido pelo texto de um escritor legitimado⁷⁶ – “o letrado teria a função de recolher a voz do subalterno, do marginalizado, para viabilizar uma crítica e um contraponto à ‘história oficial’” (MARCO, 2004, p. 46). Em direção semelhante, mas dissolvendo a bifurcação, Paloma Vidal, ao pensar o desenraizamento nas literaturas do Cone Sul, não vê dissociação possível entre narrativas do exílio e de testemunho: “São narrativas que mantêm um vínculo estreito com um contexto político, sem por isso deixar de privilegiar o texto como espaço criativo da linguagem. Situam-se, assim, na fronteira entre testemunho e ficção” (VIDAL, 2004, p. 18), como, em certo sentido, opera *El asco*. No romance, ambos os conflitos territoriais se apresentam: o protagonista, expatriado, “exilado”, retorna ao país de origem por um breve período, após anos de distância; o “testemunho” de Vega, redigido no livro por Moya, o narrador que pouco ou nada diz e que conduz, ao longo da narrativa, a voz do outro.

Há, ainda, outro dado que embaraça as opções estéticas de Castellanos Moya: o subtítulo atribuído à obra, *Thomas Bernhard en San Salvador* – apesar da importância, a anotação desaparece na edição brasileira. A referência a Thomas Bernhard reaparece na *advertencia* inicial – “un nombre sajón que tampoco es Thomas Bernhard”. A similaridade formal entre o romance de Castellanos Moya e *Extinção*, do escritor

⁷⁴ Cf. Ludmer em: Imaginar o mundo como espaço. In: _____. *Aqui América latina: uma especulação*. Belo horizonte: Editora da UFMG, 2013, p. 109-113.

⁷⁵ Cf. Vidal (2004).

⁷⁶ Cf. Marco (2004, pp. 45-68).

austriaco, já desenvolvida em outros trabalhos⁷⁷, nos é menos interessante do que a opção pelo “exercício de estilo”⁷⁸, cujo intuito era “imitar”⁷⁹ Bernhard. Um escritor latino-americano, que produz um romance cuja temática única é a América Latina e seus embaraços políticos, elege como parâmetro estético um autor austriaco. Acentua-se, inevitavelmente, a discussão acerca do eurocentrismo também no terreno estético.

Brevemente: em *Extinção* [*Auslöschung*], de 1986, tem-se a narrativa de Franz-Josef Murau, descendente de uma família de latifundiários austriacos que, obrigado pela morte dos pais, se vê na iminência de retornar a Wolfsegg, sua cidade natal. A região, católica e nacional-socialista, desencadeia o fluxo (auto)destrutivo da voz de *Extinção*, que sublinha, em grau crescente de fúria, a hipocrisia dos austriacos – genitivo que, daí o título da obra, Murau busca extinguir. *Extinção*, como boa parte da obra de seu autor, progride em blocos maciços de prosa – característica que Castellanos Moya importa para sua ficção –, fazendo da repetição de ideias, de passagens, um recurso de insistência na frustração odiosa do protagonista. Em *El asco*, tem-se, analogamente, um protagonista que, conservando a repulsa de sua terra natal, da qual se viu obrigado a sair em razão da crescente violência, do autoritarismo do governo e da incapacidade da oposição de estabelecer uma civilização democrática, é confrontado pela necessidade de retorno – após quase 20 anos, Edgardo Vega recebe a notícia da morte de sua mãe e deixa o Canadá, onde vive, para retornar a El Salvador. A voz do protagonista, estruturada ao leitor por um narrador quase invisível, é também conduzida por uma fúria crescente, um ódio à nacionalidade que se manifesta a cada memória de Vega: “a mí no me corrió la guerra, ni la pobreza, yo no me fui huyendo por la política, sino que simplemente nunca acepté que tuviera el mínimo

⁷⁷ PLUTA, A. E. *Palimpsestos*, de Gérard Genette, explicados em base a duas obras: *Extinção*, de Thomas Bernhard, e *Asco*, de Horacio Castellanos Moya. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*. São Paulo, v. 18, n. 1, jan./abr., pp. 108-120, 2018; RIBEIRO, H. J. A *extinção* da América Latina: *Asco*. *Remate de Males*. São Paulo, v. 36, n. 1, jan./jul., 2016, pp. 259-273.

⁷⁸ MOYA, H.C. Nota do autor. In: _____. *Asco*. Tradução de Antônio Xerxenesky. São Paulo: Rocco, 2013.

⁷⁹ *Ibid.*

valor esa estupidez de ser salvadoreño”⁸⁰ (MOYA, 2018, p. 11). A negação inicial de suas razões se desfaz ao longo da narrativa, em que há inúmeras pontuações que transparecem a frustração com a desarticulação civilizatória insuperável: “Un verdadero asco, Moya, es lo único que siento, un tremendo asco, nunca he visto una raza tan rastrera, tan sobalevas, tan arrastrada con los militares, nunca he visto un pueblo tan energúmeno y criminal, con tal vocación de asesinato, un verdadero asco”⁸¹ (ibid., p. 14). Mais à frente, em direção similar, lê-se: “cómo pueden llamar ‘nación’ a un sitio poblado por individuos a los que no les interesa tener historia ni saber nada de su historia, un sitio poblado por individuos cuyo único interés es imitar a los militares y ser administradores de empresas”⁸² (ibid., p. 16). A aversão à terra natal, em *El asco*, ganha uma dimensão distinta daquela presente em *Extinção*. No romance salvadorenho, o conflito transcende a relação entre o indivíduo e a nação – que é o choque do romance de Bernhard. No texto de Castellanos Moya, o conflito se dá entre três partes – nação-indivíduo-nação; Canadá-Vega-El Salvador; o tensionamento (inexistente em Bernhard) do Primeiro e do Terceiro mundos, das diferentes formas de colonização. Assim, a questão distintiva entre os enredos europeu e latino-americano passa a ser, centralmente, a questão da *fronteira* e suas extensões.

No encerramento do romance, ainda, é possível sublinhar um problema adjacente que vai se desenhando ao longo do texto. A partir do problema da fronteira e, conseqüentemente, do deslocamento do indivíduo, é possível notar o problema da identidade de Edgardo Vega, que enfatiza constantemente seu *status* de cidadão canadense, mas que se choca a cada instante com seu passado salvadorenho:

⁸⁰ “Não foi a guerra que me expulsou, nem a pobreza, não fugi por causa da política, mas sim porque nunca aceitei que tivesse o menor valor essa idiotice de ser salvadorenho.”

⁸¹ “Um verdadeiro nojo, Moya, é a única coisa que sinto, um tremendo nojo, nunca vi uma raça tão rasteira, tão servil, tão subserviente aos militares, nunca vi um povo tão energúmeno e criminoso, com tal vocação para assassinos, um verdadeiro nojo.”

⁸² “Como podem chamar de ‘nação’ um lugar povoado por indivíduos que não se interessam em ter história nem saber nada de sua história, um lugar povoado por indivíduos cujo único interesse é imitar os militares e ser administradores de empresas.”

Allá no me llamo Edgardo Vega, Moya, un nombre por lo demás horrible, un nombre que para mí únicamente evoca al barrio La Veja, un barrio execrable en el cual me asaltaron en mi adolescencia, un barrio viejo que quién sabe si aún existe. Mi nombre es Thomas Bernhard [...], un nombre que tomé de un escritor austriaco al que admiro y que seguramente ni vos ni los demás simuladores de esta infame provincia conocen.⁸³ (MOYA, 2018, p. 74)

O romance de Castellanos Moya acaba por inserir-se numa onda do pensamento latino-americano em que vários dos movimentos empreendidos por seu autor, ainda que balizados pela ficção, encontram eco. A urgência da discussão das fronteiras, por exemplo, é central não apenas nos estudos literários, ainda que, neste contexto, tenha também importância indiscutível. A partir das fronteiras, em sentido similar, pode-se discutir o confronto (já histórico) entre parâmetros de civilização e barbárie, dicotomia que por vezes ignora o contexto político e se transforma, unicamente, em queda de braços de poder. Cabe aqui, portanto, mapear as discussões adjacentes ao romance, para que, mais adiante, seja possível desenvolver um diálogo produtivo entre o pensamento teórico-filosófico e a construção narrativo-ficcional.

2 Fundações possíveis

Em 1988, Leopoldo Zea, com seu *Discurso desde la marginación y la barbárie*⁸⁴, sublinhava a necessidade de se pensar, ao longo da história, as relações entre centro e periferia, e, por extensão, entre civilização e barbárie, subvertendo as hierarquias hegemônicas. Ali, Zea operava sobre a tensão político-cultural que se estabelecia a partir da ideia de uma

⁸³ “No Canadá, não me chamo Edgardo Vega, um nome horrível, por sinal, um nome que para mim só me faz recordar o bairro La Veja, um bairro execrável onde me assaltaram quando eu era adolescente, um bairro antigo que nem sei se ainda existe. Meu nome é Thomas Bernhard (...), um nome que peguei emprestado de um escritor austriaco que admiro e que, com certeza, nem você nem os outros imitadores dessa infame província conhecem.”

⁸⁴ ZEA, L. *Discurso desde la marginación y la barbárie*. México, D.F.: FCE, 1990.

“história única” e seu confronto com outras narrativas possíveis. O pensador mexicano dissecava a ideia da Europa – que, neste caso, podemos estender também à América do Norte – como única possibilidade de futuro, afirmando que tanto a marginalização quanto a barbárie são classificadas a partir de um centro de poder (ZEA, 1990, p. 30). Como causa disso, Zea via o prolongamento indefinido, inercial, do domínio colonial sobre o contemporâneo – e essa não-assimilação da origem colonial consolidaria um presente que não pode se tornar passado (MORSE, 1988, p. 24).

Na década de 1990, Walter D. Mignolo desenvolvia um projeto a ser publicado em 1999, sob o título *Local Histories/Global Designs: coloniality, subaltern knowledges and border thinking*⁸⁵, em que, entre tantas, aparece a noção de “gnose liminar”, a enunciação alternativa, “fraturada”, que surge no confronto entre um projeto universalizante e uma história particular – confronto que ele chama “diferença colonial” (MIGNOLO, 2003, p. 10). Mignolo insiste na impossibilidade de se pensar a modernidade a partir de parâmetros da própria modernidade, e sustenta, assim, a busca pela superação da linearidade no mapeamento geostórico da modernidade ocidental (ibid., p. 11). O pensador argentino traça a primeira grande hierarquização dos povos a partir do domínio do alfabeto – os povos “com história” (neste caso, os missionários espanhóis) escreveriam a história daqueles “sem história” (os povos constituintes da América pré-colombiana) (ibid., p. 23). Fruto da compreensão de tal diferença colonial, o pensamento liminar seria, para Mignolo, uma possibilidade de ruptura epistemológica (ibid., p. 30).

Em *Aquí América latina: una especulación*⁸⁶, de 2010, Josefina Ludmer pensava as ficções que antecederam – ou que, de certo modo, representavam – o ano 2000. Assim, Ludmer desenvolve dois eixos para se pensar a literatura latino-americana: primeiro, a relação temporal (ecoando Walter Mignolo, ela propõe temporalidades locais e globais), e, em seguida, as diferentes formas de territorialização no discurso ficcional. Para ela, “na fábrica de realidade, o território é um articulador, um princípio geral que percorre todas as divisões, é pré-individual e compartilhamos com os animais” (LUDMER, 2013, p. 110); “Um

⁸⁵ MIGNOLO, W. D. *Histórias locais/Projetos globais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

⁸⁶ LUDMER, J. *Aquí América latina: una especulación*. Belo horizonte: Editora da UFMG, 2013.

território é uma organização do espaço por onde deslizam os corpos, uma interseção de corpos em movimento; o conjunto de movimentos dos corpos [...], assim como os movimentos de desterritorialização que o atravessam”, e conclui: “Isso se pode ver através das ficções” (ibid., p. 111).

Deve-se sublinhar como em todos os trabalhos aparece alguma referência à ideia de território – em sentido concreto; em sentido figurado. Leopoldo Zea baseia toda sua filosofia em deslocar o eixo eurocêntrico e, assim, subverter a “barbárie” – já no título há a referência à “marginalização”, ideia primordialmente ligada à possibilidade de território (e, assim, de um centro, em relação ao qual se constitui a margem). Em Walter Mignolo, tem-se no centro o “pensamento liminar” [*border thinking*], que, de maneira análoga àquela proposta por Zea, parte de uma referencialidade imaginária para estabelecer o “pensamento à margem”. Em Josefina Ludmer, de maneira ainda mais explícita, o eixo de análise parte justamente da possibilidade de definição do território e, por extensão, da definição de uma literatura latino-americana. Assim, a partir desses teóricos, propõe-se aqui uma leitura possível do romance de Horacio Castellanos Moya, em que se embaralham as relações entre centralidade e marginalização. No romance, cuja principal linha de força é o choque entre pátria e exílio, busca-se perceber a desarticulação (ou rearticulação) da dicotomia metrópole/colônia – Primeiro/Terceiro mundos –, que resulta no surgimento de um entre-lugar latino-americano, como o define Silviano Santiago⁸⁷ – endossado, vinte anos depois e por via indireta, pelo indiano Homi K. Bhabha⁸⁸. Este ensaio se apresenta, assim, sustentado pela necessidade de análise do romance latino-americano como lugar de surgimento da “enunciação fraturada” de que fala Mignolo, ressaltando como, também esteticamente, a noção de periferia aparece. Assim, a partir do problema do território e, por extensão, da fronteira, o romance emerge como um gatilho possível para se pensar a relação entre estética e política, fazendo do tensionamento centro/periferia uma questão também formal.

⁸⁷ SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

⁸⁸ BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2019.

3 Descentralização e barbárie

A questão para Leopoldo Zea é identificar a raiz de um problema – ou, ao menos, de uma realidade – que é bastante transparente em *El asco*. Zea insiste em um homem que possa se definir a partir de seu próprio e exclusivo *logos* (lógica; linguagem), a partir do seu peculiar modo de ser, de sua barbárie (ZEA, 1990, p. 29), uma vez que os parâmetros do que seria “civilizado” e “bárbaro” – e, assim, “desenvolvido” ou “subdesenvolvido” – se dão a partir dos centros de poder (político, econômico, militar) (ibid., p. 30). O pensador mexicano refaz, então, o percurso histórico desses centros de poder sublinhando o processo de assimilação da “barbárie” – da diferença – pelos povos hegemônicos (ibid., pp. 34-36), enfatizando o constante surgimento de novas formas de marginalização e de barbárie (ibid., p. 38). Zea aponta como central a necessidade de compreender a América Latina a partir de “otro concepto de civilización que niega la civilización agresiva de Europa, agresiva y por lo mismo bárbara en relación con las metas de libertad de una verdadera civilización”⁸⁹ (ibid., p. 49). Para ele, em grau de complexificação crescente, “la relación civilización/barbarie se expresa ahora como burguesía/proletariado, ciudad/campo, imperio/colonia, Occidente/Oriente”⁹⁰ (ibid., p. 53). No mesmo sentido, o conflito civilização/barbárie penetra o discurso histórico, distorcendo os parâmetros de análise a partir dos centros de poder. Zea diz:

Con guerra de guerrillas España había alcanzado su liberación de la conquista musulmana; con guerra de guerrillas la misma España había conquistado a América; con guerra de guerrillas también América se había liberado de España. Con guerra de guerrillas España se había enfrentado a Napoleón I, mientras otra guerra de guerrillas enfrentaba a España en América. [...]

De bandidos han sido calificados los Bolívar y los Morelos ayer, como los Sandino en nuestra época. Como bandidos

⁸⁹ “Outro conceito de civilização, que nega civilização agressiva de Europa, agressiva e assim bárbara na relação com as metas de liberdade de uma verdadeira civilização.”

⁹⁰ “A relação civilização/barbárie se expressa agora como burguesia/proletariado, cidade/campo, império colônia, Ocidente/Oriente.”

han sido también calificados otros muchos guerrilleros empeñados en la liberación de sus pueblos.⁹¹ (ZEA, 1990, p. 65)

Em *El asco*, tem-se a manifestação, a partir da perspectiva de um salvadorenho, dessa mesma distorção de parâmetros, numa voz que se recusa a enxergar El Salvador a partir de sua própria história, impondo uma visão homogeneizante – historicamente condicionada pelo eixo eurocêntrico de poder e, assim, de pensamento – das condições presentes. Edgardo Vega, sempre movido pelo “nojo” que sente de seu país, diz:

es un verdadero absurdo si a vos lo que te interesa es escribir literatura, eso demuestra que en realidad a vos no te interesa escribir literatura, nadie a quien le interese la literatura puede optar por un país tan degenerado como éste, un país donde nadie lee literatura, un país donde los pocos que pueden leer jamás leerían un libro de literatura.⁹² (MOYA, 2018, p. 15)

E mais adiante:

A más universidades privadas mayor la imbecilidad y la perfidia de los tipos que ahí se gradúan: ésa es la regla, Moya, la evidencia puntual de que a nadie le interesa el conocimiento en este país, a la gente sólo le interesa tener

⁹¹ “Com guerra de guerrilhas, a Espanha havia alcançado sua liberação da conquista muçulmana; com guerra de guerrilhas a mesma Espanha havia conquistado a América; com guerra de guerrilhas também a América havia se libertado da Espanha. Com guerra de guerrilhas a Espanha havia enfrentado Napoleão I, enquanto outra guerra de guerrilhas enfrentava a Espanha na América. [...]”

De bandidos foram chamados os Bolívar e os Morelos ontem, como os Sandinos na nossa época. Como bandidos também foram qualificados outros muitos guerrilheiros empenhados na liberação de seus povos.”

⁹² “É um verdadeiro absurdo se você pensa em escrever literatura, isso demonstra que, na verdade, você não se interessa por escrever literatura, ninguém que se interesse por literatura pode optar por morar em um país tão degenerado como esse, um país onde ninguém lê literatura, um país onde os poucos que podem ler jamais leriam um livro de literatura.”

un título, lograr su titulito es la meta, sacar un titulito de administradores de empresas que les permita conseguir un empleo, aunque no aprendan nada, porque no les interesa aprender nada, porque no hay quien les enseñe nada, porque los profesores son unos gatos muertos de hambre a los que también les interesa únicamente tener un titulito para poder dar clases a otra partida de gatos que anhela su titulito, una verdadera calamidad.”⁹³ (MOYA, 2018, p. 34)

O personagem desconsidera as especificidades de formação que são próprias à América Latina e, assim, incorre em um discurso que projeta sobre El Salvador uma expectativa, uma realidade possível, que não é a sua. Primeiro, Vega vê como impossível a produção de literatura em El Salvador – a literatura, por sua vez, carrega a significação universal de potência intelectual, de exercício de alteridade, de força cultural. Quando o protagonista nega ao país a literatura, ele atesta, assim, sua “barbárie”, seu afastamento da possibilidade de intelectualidade e de (uma certa forma de) civilização. No segundo caso, o discurso de indignação reforça – ainda que tenha em seu ímpeto a crítica social – a mesma raiz que impede o desenvolvimento de um sistema de ensino e, por extensão, de uma intelectualidade salvadorenha. Assim, a construção da inteligência nacional, pressuposto da “civilização”, se perde. Edgardo Vega, que tanto “vomita” seu ódio contra a barbaridade de El Salvador, é produto do mesmo sistema que dá origem a tal “ausência de civilização”. Vega, por outro lado, insiste no Canadá como exemplo máximo da capacidade de organização social, de civilidade. Ele diz: “mi único propósito es vender esa casa amurallada de la colonia Miramonte para obtener un dinero que me permita vivir más cómodamente en Montreal y

⁹³ “Quanto mais universidades privadas, maior imbecilidade e a perfídia dos sujeitos que nelas se formam: é assim que funciona, Moya, a prova de que ninguém busca conhecimento neste país, só se interessam em obter um diploma, conseguir um diplominha é o objetivo, obter um diplominha de administradores de empresas que permita que eles consigam um emprego, mesmo que não aprendam nada, porque não querem aprender nada, porque não há ninguém capaz de ensiná-los, porque os professores são uns cachorros mortos de fome que também só querem ter um diploma para poder dar aula a uma turma de cães que querem seu diploma, é uma verdadeira calamidade.”

no tener que regresar jamás a esta asquerosidad de país⁹⁴ (ibid., p. 22), outra vez sublinhando a oposição Primeiro/Terceiro Mundo que, para ele, acaba sendo bastante dialética – enquanto ele vê no hemisfério norte a possibilidade de viver com maior tranquilidade, Vega depende da venda da casa de El Salvador para poder conseguir mais conforto vivendo do estrangeiro.

Há, deve-se notar, um ímpeto nacionalista na fala de Vega, mas um nacionalismo também fabricado à maneira mais genérica – “Tremendo, Moya, [...] San Salvador es una versión grotesca, enana y estúpida de Los Ángeles, [...] una ciudad que te demuestra la hipocresía congénita de esta raza, la hipocresía que los lleva a desear en lo más íntimo de su alma convertirse en gringos”⁹⁵ (MOYA, 2018, p. 29). Mesmo com o objetivo de apontar a obsessão dos salvadorenhos (de modo sempre genérico) em fugir da própria identidade, gesto em que o protagonista vê apenas hipocrisia, o próprio Vega recai na obsessão de ver San Salvador como “cópia malfeita” de Los Angeles – reforçando, outra vez, o tensionamento entre os territórios e, assim, entre suas respectivas realidades.

A relação entre civilização e barbárie não é dicotômica, como por vezes faz crer o discurso enfurecido de Vega. O lamento do expatriado, permeado por oposições contrastivas entre a realidade salvadorenha – “Terceiro Mundo”, “ignorante”, “bárbara” – e o Canadá e os Estados Unidos – “Primeiro Mundo”, “desenvolvidos”, “civilizados” – ressalta apenas como a perspectiva do protagonista (ainda que explosiva, continuamente destrutiva) é norteadada por um centro de poder e seus parâmetros de existência. Vega vê em El Salvador um mundo sobre o qual é necessário impor ordem, e elege a ordem cujos parâmetros foram dados pelos centros de poder. Zea é enfático em como a “Europa se inclina más a imponer el orden que a preservar la libertad” (ZEA, 1990, p. 86). A seguir, formula uma questão:

⁹⁴ “Meu único objetivo é vender essa casa na colônia de Miramonte para conseguir um dinheiro que me permita viver de forma mais confortável em Montreal e não ter jamais que voltar a este país repugnante.”

⁹⁵ “É incrível, Moya, [...] San Salvador é uma versão grotesca, anã e estúpida de Los Angeles, [...] uma cidade que demonstra a hipocrisia congênita dessa raça, a hipocrisia que nos leva a desejar no âmago da alma em se transformar em gringos.”

Tal será la adopción del proyecto civilizador y positivista latinoamericano. En el origen de la barbarie hay que rebasar, de la herencia hay que negar, está España, y con ella la conquista y colonización que trajo a esta América los defectos de una raza ya marginada en Europa. Éste será el punto de vista central del hispanoamericano nacido en Argentina, Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888). En *Facundo* plantea la disyuntiva para esta América: ¿civilización o barbarie? Barbarie es para Sarmiento todo lo recibido, lo heredado de la colonización española. En un libro posterior, donde toma como punto de partida las doctrinas del positivismo y el darwinismo entre otras corrientes semejantes, habla de España y la herencia que ha dejado en América. Herencia que será menester negar si es que los pueblos de esta América han de poder ingresar en la civilización; la civilización y el progreso propios de los pueblos europeos, de los pueblos sajones en el continente europeo y en América. La historia del mundo es la historia de un conflicto racial entre pueblos de raza superior e inferior, que por naturaleza están destinados a servir a los primeros. En este conflicto, ¿qué es esta América colonizada por iberos? ¿Qué son y quiénes son los iberoamericanos?⁹⁶ (ZEA, 1990, p. 102)

⁹⁶ “Essa será a adoção do projeto civilizador e positivista latino-americano. Na origem da barbárie é necessário superar, da herança que é necessário negar, está a Espanha, e com ela a conquista e colonização que trouxeram a esta América os defeitos de uma raça já marginalizada na Europa. Este será o ponto de vista central do espanhol-americano nascido na Argentina, Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888). Em *Facundo*, levanta o dilema para esta América: civilização ou barbárie? Barbárie é, para Sarmiento, todo o recebido, herdado da colonização espanhola. Em um livro posterior, em que toma como ponto de partida as doutrinas do positivismo e do darwinismo, entre outras correntes semelhantes, ele fala da Espanha e do legado deixado na América. Herança que será necessária negar caso as cidades desta América possam entrar na civilização; a civilização e o progresso dos povos europeus, dos povos saxões no continente europeu e na América. A história do mundo é a história de um conflito racial entre povos de raça superior e inferior, que por

4 O pensamento da/à margem

Walter D. Mignolo, já no prefácio a seu *Histórias locais / Projetos globais*, estabelece as bases do pensamento sobre o qual sua obra opera – entre elas, dá-se destaque à “diferença colonial” e ao “pensamento liminar” (ou “gnose liminar”), noções pertinentes para se pensar o lugar de *El asco*. Mignolo, indiretamente, refina algumas noções apresentadas no trabalho de Leopoldo Zea, reforçando, assim, o desafio às dicotomias que o autor mexicano já sugeria. O argentino, por sua vez, parte da ideia de que é preciso sair do sistema para pensá-lo – lógica já desenvolvida, aqui, em relação à posição de Edgardo Vega diante de suas próprias percepções – e como, aprofundando o problema, “a emergência do colonialismo global [...] apagou a distinção que era válida para as formas iniciais de colonialismo e a colonialidade do poder”, o que o leva à conclusão: “No passado, a diferença colonial situava-se lá fora, distante do centro. Hoje emerge em toda parte, nas periferias dos centros e nos centros da periferia” (ibid., p. 9).

A noção de “diferença colonial”, em primeiro lugar, se explica pelo conflito dado desde o título do livro –

A diferença colonial é o espaço onde as histórias locais que estão inventando e implementando projetos globais encontram aquelas histórias que os recebem; é o espaço onde os projetos globais são forçados a adaptar-se, integrar-se ou onde são adotados, rejeitados ou ignorados. A diferença colonial é, finalmente, *o local ao mesmo tempo físico e imaginário onde atua a colonialidade do poder, no confronto de duas espécies de histórias locais visíveis em diferentes espaços e tempos do planeta.* (MIGNOLO, 2003, p. 10, grifo meu)

Já aqui surge a ideia de territorialidade, que se apresenta literal e figurativamente e que sublinha o aspecto conflitivo da relação. Em seguida, e a partir da mesma referência territorial, nos interessa pensar a ideia de pensamento/gnose liminar de Mignolo, que faz referência ao “conhecimento em perspectiva subalterna, é o conhecimento concebido

natureza estão destinados a servir os primeiros. Neste conflito, o que é esta América colonizada por ibéricos? O que são e quem são os ibero-americanos?”

nas margens externas do sistema mundial colonial/moderno” (ibid., p. 33); “é uma reflexão crítica sobre a produção do conhecimento, a partir tanto das margens internas do sistema mundial colonial/moderno [...], quanto das margens externas” (ibid., p. 33-34). O autor enfatiza, nesse sentido, como se concentra em “formas de conhecimento produzidas pelo colonialismo moderno na interseção com as modernidades coloniais” (ibid., p. 35), pensando em como as “modernidades coloniais [...] subalternizam outros tipos de conhecimento” (ibid., p. 36). Ele conclui:

a ‘gnose liminar’ é a razão subalterna lutando para colocar em primeiro plano a força e a criatividade de saberes, subalternizados durante um longo processo de colonização do planeta que foi, simultaneamente, o processo através do qual se construíram a modernidade e a razão moderna. (MIGNOLO, 2003, p. 36)

Definidos os conceitos de diferença colonial e de pensamento/gnose liminar, cabe a ênfase sobre o “lócus de enunciação”, a “enunciação fraturada”, também central para esta leitura – “A diferença colonial cria condições para situações dialógicas nas quais se encena, do ponto de vista subalterno, uma *enunciação fraturada*, como reação ao discurso e à perspectiva hegemônica” (ibid., p. 11, grifo meu).

Assim, a partir desse entrelaçamento de conceitos que Mignolo constrói de modo a se pensar as novas formas de colonialidade e, depois, as novas formas de enunciação, deve-se perguntar: onde se encontram as possibilidades de contato com *El asco*?

São, essencialmente, três grandes chaves de leitura que o autor argentino nos oferece. Primeiro, desenvolve-se, diante da fúria de Edgardo Vega em relação à inteligência, à cultura e ao sistema universitário salvadorenho – devidamente ilustrada pelas citações apresentadas em diálogo com as ideias de Leopoldo Zea –, o paralelo entre o conceito de gnose liminar de Mignolo com a postura do protagonista de *El asco*. O teórico é bastante enfático ao dizer que “a gnose permite falar de um ‘conhecimento’ além das culturas acadêmicas” (MIGNOLO, ibid., pp. 30-31), e é evidente que Vega, ao insultar a formação intelectual do povo salvadorenho e, ainda, afirmar a impossibilidade de se produzir literatura em El Salvador, toma como parâmetro um tipo específico de conhecimento, de inteligência – sempre pautado pelo centro de poder de que fala Zea e que Mignolo, uma década mais tarde, desenvolve. O filósofo argentino retoma Valentin Y. Mudimbe para corroborar sua tese:

Mudimbe expressa seu mal-estar ao ter de apresentar uma visão panorâmica da filosofia como um tipo de prática disciplinada imposta pelo colonialismo e, ao mesmo tempo, lidar com outras formas indisciplinadas de conhecimento, reduzidas a conhecimento subalterno pelas práticas coloniais disciplinadas de investigação, rotuladas como filosofia e relacionadas com a epistemologia. (MIGNOLO, 2003, p. 32)

Fica transparente, especialmente após a sistematização de Walter Mignolo, como Edgardo Vega reproduz uma estrutura de pensamento que hierarquiza *doxa* e *episteme*, enxergando a segunda (o conhecimento “acadêmico”, mediado) como superior à primeira (a opinião, o “senso-comum”). No mesmo sentido, Vega espera de El Salvador uma estrutura intelectual/universitária que não responde à formação histórica do país. O personagem ignora que a realidade social salvadorenha é raiz da formação específica de alunos e mesmo de professores, sobre os quais o personagem derrama sua fúria sem jamais buscar as nuances necessárias para entendimento do processo. É aqui, justamente, em que se chega à segunda chave que Mignolo oferece para ler *El asco* de uma perspectiva mais complexa. A partir do conflito expectativa/realidade em relação à vida cultural de El Salvador, nota-se o confronto de um projeto global – representado pelas expectativas de Edgardo Vega – e uma histórica local – a realidade salvadorenha, permeada por inúmeros períodos autoritários, de repressão violenta, da impossibilidade política de florescimento de uma intelectualidade local.

Por fim, o terceiro viés de leitura, em consonância com o conceito do filósofo argentino, é a própria enunciação. De onde fala Edgardo Vega? Tem-se, na prosa de *El asco*, uma relação complexa de autoria e narração – um narrador homônimo ao autor; um protagonista que fala, o tempo inteiro, pela voz de outro. Contudo, chama a atenção o lugar intermediário que ocupa Vega. Mignolo fala numa enunciação fraturada como produto da diferença colonial e, assim, como um discurso contra-hegemônico, oriundo da margem, da posição de subalternidade. Porém o personagem não sustenta, em sua voz, o ímpeto combativo; por outro lado, ocupa, indiscutivelmente, a posição de subalterno – enquanto latino-americano e, especialmente, enquanto imigrante em Montreal, cujo conforto depende, ele nos diz, da venda de uma casa em Miramonte, San Salvador. Qual é, então, a origem de sua voz? De onde brota seu discurso?

5 Temporalidades, territorialidades

Josefina Ludmer, a única entre os teóricos que olha para os anos 1990 de forma retrospectiva, sistematiza as ficções produzidas à beira do, ou durante o, ano 2000. *El asco*, de 1997, ratifica várias das suas observações.

Já na introdução, Ludmer apresenta o que, para ela, seria um regime de “realidadeficção” – “No lugar do público não há mais separação entre o imaginário individual e social. [...] Na especulação não sobra nada dentro; o segredo, a intimidade e a memória se tornam públicos” (LUDMER, 2013, p. 9); e então: “A imaginação pública produz realidade, mas não tem índice de realidade, ela mesma não faz diferença entre realidade e ficção” (ibid., p. 9). A autora, então, fratura sua análise de modo a provocar uma bifurcação; para ela, há ficções temporais e ficções territoriais – “A especulação entra na imaginação pública pelos regimes temporais e territoriais das ficções literárias latino-americanas dos últimos anos. Essas temporalidades e territórios são como esqueletos da fábrica de realidade” (ibid., p. 10). A partir daí, passam a existir dois eixos de análise: “Imaginar o mundo como tempo (ibid., p. 13) e “Imaginar o mundo como espaço” (ibid., p. 109) – não se deve desconsiderar, contudo, que o tempo é também uma forma de território.

Ludmer insiste na constituição da “história latino-americana como história descontínua” (ibid., p. 66). Segundo ela, há, na formação do continente, saltos e cortes temporais que “permitem ver uma temporalidade interrompida por estados de exceção [...]. O golpe produziu um *time lag*, uma lacuna temporal [...], não permitindo concluir uma experiência política e social democrática” (ibid., p. 66). Para a autora, ainda, “a memória é puro afeto na realidade e na ficção. As políticas da memória são políticas dos afetos e também políticas da identidade, da filiação e da justiça”. (ibid, p. 64)

Assim, é na análise que Josefina Ludmer desenvolve do romance *Lesca, el fascista irreductible* (publicado, justamente, em 2000), de Jorge Asís, que as conexões com *El asco* ganham corpo, ainda que já sugeridas na fundamentação do pensamento estruturado em *Aqui América latina*. A autora aponta como, para o narrador de *Lesca*, “tanto o fascismo, quanto o comunismo, são demônios, ou males idênticos e opostos (ibid., p. 68). Aqui, manifesta-se, ela diz, um sistema de “diferenciação” e “desdiferenciação”, afirmando que “*Lesca* se estrutura sobre a indiferenciação entre o bem e o mal; fascismo e comunismo são a mesma coisa” (ibid., p. 68). A autora conclui:

Em *Lesca* (a memória neoliberal), o mais notável é a desdiferenciação. Primeiro entre realidade e ficção. Não se sabe se os personagens são todos reais ou não, não se sabe se é romance (tal como o texto se apresenta), ou ensaio histórico, político, biografia ou simplesmente história do presente. Não existe diferenciação entre realidade e ficção, nem entre direita e esquerda (o fascismo e o comunismo são o mesmo horror). *Lesca* é a versão neoliberal de “todos os demônios” (comunismo e fascismo = guerrilha-ditadura-militar), um texto sobre a desdiferenciação das duas forças, que se enfrentam nos anos de 1970. (LUDMER, 2013, p. 69)

É gritante como a descrição se assemelha com os mecanismos de funcionamento de *El asco*. No romance salvadoreño, Edgardo Vega investe contra todas as possibilidades de futuro de El Salvador – condena a inexistência artística do país, mas condena igualmente a universidade; condena o ímpeto empresarial da população, mas condena também a economia pífia, a comida péssima; e, principalmente, condena os militares, seu autoritarismo, sua ignorância, mas condena também sua antítese: a esquerda, a oposição.

Primeiro, diz que

[...] todos quisieran ser militares, todos serían felices si fueran militares, a todos les encantaría ser militares para poder matar con toda impunidad, todos traen las ganas de matar en la mirada, en la manera de caminar, en la forma en que hablan, todos quisieran ser militares para poder matar, eso significa ser salvadoreño [...].

Me da asco, Moya, no hay algo que me produzca más asco que los militares, por eso tengo quince días de sufrir asco, es lo único que me produce la gente en este país, Moya, asco, un terrible, horroroso y espantoso asco, todos quieren parecer militares, ser militar es lo máximo que se pueden imaginar, como para vomitarse.⁹⁷ (MOYA, 2018, p. 14)

⁹⁷ “[...] todos querem ser militares, todos seriam felizes se fossem militares, todos adorariam ser militares para matar impunemente, todos carregam o

Logo em seguida, acrescenta: “Y lo peor son esos miserables políticos de izquierda, Moya, esos que antes fueron guerrilleros, esos que antes se hacían llamar comandantes, éstos son los que más asco me producen, nunca creí que hubiera tipos tan farsantes, tan rastreros, tan viles [...]”⁹⁸. (MOYA, 2018, pp. 17-18)

O fracasso da Universidade de El Salvador, por fim, congrega a fúria sem direção de Edgardo Vega:

[...] esa universidad es una defecación, la Universidad de El Salvador no es otra cosa que una defecación expelida por el recto de los militares y los comunistas, los militares y los comunistas se aliaron en su guerra para convertir la Universidad de El Salvador en una defecación, los militares con sus intervenciones criminales y los comunistas con su estupidez congénita se confabularon para convertir al más antiguo centro de estudios del país en una defecación fétida y asquerosa.⁹⁹ (MOYA, 2018, p. 35)

desejo de matar em seu olhar, na maneira de caminhar, no jeito de falar, todos querem ser militares para poder matar, isso significa ser salvadorenho [...].

Me dá nojo, Moya, não há nada que me dê mais nojo do que os militares, por isso estou há quinze dias sentindo nojo, é a única coisa que o povo desse país causa, Moya, um nojo terrível, horroroso e espantoso, todos querem parecer militares, ser militar é o máximo que podem imaginar, é de dar ânsia de vômito.”

⁹⁸ E o pior são esses miseráveis políticos de esquerda, Moya, esses que antes foram guerrilheiros, esses que antes eram chamados de comandantes, esses são os que mais me deixam enjoado, nunca vi sujeitos tão farsantes, tão rasteiros, tão vis [...].”

⁹⁹ “[...] essa universidade é uma merda, a Universidade de El Salvador não é outra coisa senão uma merda expelida pelo reto dos militares e dos comunistas, os militares e os comunistas se aliaram em sua guerra para transformar a Universidade de El Salvador em uma merda, os militares com suas intervenções criminosas e os comunistas com sua estupidez congênita confabularam para transformar o mais antigo centro de estudos do país em um amontoado de fezes fétido e asqueroso.”

Sobre isso, outra vez cabe a voz de Ludmer sobre *Lesca*: o narrador “ironiza sobre o fascismo e *também* sobre seus inimigos. Não está com nenhum dos dois, está em ambos os lados e em nenhum, se coloca em cada um com a perspectiva inimiga do outro” (LUDMER, 2013, p. 70, grifo no original); e então: “É o escritor antiprogressista, que fala em voz alta sobre o fascismo e o antisemitismo, dizendo que há outra coisa tão perversa como isso, que é o comunismo, seu oponente” (ibid., p. 71). Segundo ela, essa é “a política neoliberal da cultura (a cultura como economia política da cultura) e a versão neoliberal da memória” (ibid., p. 71). Em *El asco*, a voz de Edgardo Vega atesta a impossibilidade de construção da memória. O narrador insiste numa raiva desmesurada, numa compreensão plana da história do país, na aplicação disjuntiva de uma expectativa desproporcional ao contexto social de El Salvador. Para a autora argentina, essa disjunção é a “memória neoliberal” latino-americana.

O outro eixo de Josefina Ludmer diz respeito ao território, e, assim, à fronteira. Após definir “território”, ela sustenta como “do ponto de vista político [...], território seria um recorte no espaço, sobre o qual o lugar tem uma soberania” (ibid., p. 111) e prossegue, retomando Carl Schmitt: “Em cada território existe um poder soberano-legislador que não permite outro poder alternativo e faz uso da violência quando ameaçado. Lugar ou região seriam categorias que não comportam a noção de soberania” (ibid., p. 111). Assim, é preciso pensar territorialmente e, desse modo, enxergar o que Ludmer, sobrepondo a percepção territorial e a memória afetiva, chama de “territórioafeto” (ibid., p. 112).

O que a autora argentina nota, contudo, é que “depois de 1990 se percebe claramente outros territórios e sujeitos, outras temporalidades e configurações narrativas; outros mundos, que não reconhecem os modelos bipolares tradicionais” (ibid., p. 115). Ludmer insiste, assim, na reconfiguração da noção de território operada na virada do século, estendendo tal reconfiguração para o campo estético:

A cidade se barbariza, está rodeada de vilas miseráveis (Mike Davis) e se divide violentamente para representar o social (F. Jameson), assim como o modo como o global encarna nacionalmente (S. Sassen). Isso porque a cidade latino-americana não é apenas um exemplo da relação do Terceiro Mundo com a globalização, mas também, como as cidades globais, uma rede de conexões e inter-relações, o território do trabalho não material, do sujeito coletivo da

multidão, além de território da insurreição (Toni Negri). (ibid., p. 116)

6 A fronteira: entre-lugar

Em *A revolução salvadorenha*, Tommie Sue-Montgomery e Christine Wade dão contornos ao contexto político de El Salvador. Aqui, é particularmente pertinente pensar o desfecho do processo de tensionamento social no país: a guerra civil. Se Moya narra o romance em 1997, e Edgardo Vega está há 15 anos fora de El Salvador, o personagem teria se autoexilado em 1982, um ano após o início da guerra civil – que Vega diz, contudo, não ter relação com sua decisão de partir (MOYA, 2018, p. 11). Sobre o período, as historiadoras afirmam:

Por mais de uma década, a FMLN [Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional] sustentou a guerra contra o governo salvadorenho, que contava com o maciço apoio financeiro dos Estados Unidos. A guerra civil em El Salvador custou a vida de mais de 75 mil salvadorenhos, e cerca de um milhão de cidadãos, ou 20% da população, deixou o país. [...] Décadas de um regime militar direto e de fato terminaram dando lugar a eleições livres e justas, após os acordos de paz de 1992. (SUE-MONTGOMERY; WADE, 2006, pp. 129-130)

Como, então, dá-se a tensão territorial – interna; externa – em um romance produzido a partir desse contexto de insegurança institucional, de evasão populacional maciça, de uma democracia recém-nascida? Dá-se, ao que parece, pela ruptura.

Se em Thomas Bernhard a ruptura é clara – um protagonista que busca extinguir seus laços com a nacionalidade austríaca –, a relação em Castellanos Moya é, como repeti aqui inúmeras vezes, mais complexa. Qual é a ruptura que se pronuncia na prosa de *El asco*? A literatura de testemunho, como sistematiza Valeria de Marco, prevê o intelectual recolhendo o discurso do subalterno, pouco letrado, “bárbaro”. Aqui, Moya, homônimo do escritor, transmite ao leitor a voz de Edgardo Vega – Vega seria, então, o “bárbaro”? Zea é assertivo: “La barbarie está en querer ser como otro, la civilización está en el ser uno mismo y construir a

partir de este ser”¹⁰⁰ (ZEA, 1990, p. 114). Tem-se, em *El asco*, uma narrativa cujo tema é o desespero de fingir-se outro em relação à própria cultura.

Ao falar de literatura, o protagonista é direto — “éste no es un país de escritores, resulta imposible que este país produzca escritores de calidad, no es posible que surjan escritores que valgan la pena en un país donde nadie lee, donde a nadie le interesa la literatura”¹⁰¹ (MOYA, 2018, p. 50) —, mas logo em seguida, se contradiz — “Roque Dalton a la par de Rubén Darío parece un fanático comunista”¹⁰² (ibid., p. 50). Roque Dalton é o escritor mais importante da história de El Salvador, opositor ao governo, mas assassinado pela própria oposição em uma disputa política (SUE-MONTGOMERY; WADE, 2006, p. 56). Vega, assim, condena a falta de interesse dos salvadorenhos por literatura, mas investe contra a figura mais representativa da história literária do país. E mais do que isso: insulta a oposição por ter assassinado o maior escritor salvadorenho. Falta a Edgardo Vega, como fica gradualmente mais transparente, um lugar de enunciação, um território de onde ele possa enxergar a realidade. O personagem, tensionando sua origem e seu destino, permanece num interstício: a fronteira. Edgardo Vega fala, assim, de um entre-lugar, uma vez que é produto de um sistema que ele nega.

Silviano Santiago, em *O entre-lugar do discurso latino-americano*, insiste na operação da reescritura sobre o já-dito — já-escrito — para dar contornos, em 1971, à operação de reescritura desenvolvida em *El asco* — a partir de Thomas Bernhard — em 1997: “O segundo texto se organiza a partir de uma meditação silenciosa e traiçoeira sobre o primeiro texto, e o leitor, transformado em autor, tenta surpreender o modelo original em suas limitações [...], desarticula-o e o rearticula” (SANTIAGO, 1971, p. 20); então, afirma “a situação e o papel do escritor latino-americano, vivendo entre a assimilação do modelo original [...] e a necessidade de produzir um novo texto que afronte o primeiro e muitas vezes o negue” (ibid., p. 23).

¹⁰⁰ “A barbárie está em querer ser como outro, a civilização está em ser si mesmo e construir a partir deste ser.”

¹⁰¹ “Este não é um país de escritores, é impossível que este país produza escritores de qualidade, não é possível que surjam escritores que valham a pena em um país onde ninguém lê.”

¹⁰² “Roque Dalton ao lado de Rubén Darío parece um fanático comunista.”

Quem também opera sobre a noção de entre-lugar, mais de 20 anos depois, é o indiano Homi K. Bhabha. Em seu *O local da cultura* – outra vez a referência territorial –, a introdução se dá com a seção “Vidas na fronteira: arte do presente” (BHABHA, 2019, p. 19). Ali, Bhabha é enfático em como “é na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados” (ibid., p. 20). O autor indiano, estruturando um pensamento também visível em *El asco*, dá protagonismo a um trabalho fronteiriço da cultura. Segundo ele, “essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, reconfigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente” (ibid., p. 29). Bhabha insiste, por fim, em como “há um retorno à encenação da identidade como iteração, a re-criação do eu no mundo da viagem, o re-estabelecimento da comunidade fronteiriça da migração” (ibid., p. 31).

A fronteira extrapola a realidade dos personagens, extrapola o contexto de produção do romance e penetra o plano estético; *El asco* se estrutura pela reconfiguração da prosa de Thomas Bernhard e pelo jogo com a literatura de testemunho, uma vez que, subvertendo-os, reproduz as operações do discurso testemunhal, que, por sua vez, atesta a própria desterritorialização.

REFERÊNCIAS

- ANTELO, R. Só centros: elipses. In: WEINHARDT, M. et al. (orgs). *Ética e estética nos estudos literários*. Curitiba: Editora da UFPR, 2013.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2019.
- LUDMER, J. *Aqui América latina: uma especulação*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.
- MARCO, V. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua Nova*, n. 62, pp.45-68, 2004.
- MIGNOLO, W. D. *Histórias locais/Projetos globais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- MORSE, R. *O espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

- MOYA, H. C. *El Asco*: Thomas Bernhard em San Salvador. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2018.
- MOYA, H. C. *Asco*. Tradução de Antônio Xerxenesky. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- PLUTA, A. E. *Palimpsestos*, de Gérard Genette, explicados em base a duas obras: *Extinção*, de Thomas Bernhard, e *Asco*, de Horacio Castellanos Moya. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*. São Paulo, v. 18, n. 1, jan./abr., pp. 108-120, 2018. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/10698/7177>>. Acesso em: 27/06/2019.
- RIBEIRO, H. J. A extinção da América Latina: *Asco*. *Remate de Males*. São Paulo, v. 36, n. 1, jan./jul., pp. 259-273, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8646461/13406>>. Acesso em: 27/06/2019.
- SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SCHOLLHAMMER, E. K. Prefácio. In: VIDAL, P. *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004.
- SUE-MONTGOMERY, T.; WADE, C. *A revolução salvadorenha*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- VIDAL, P. *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004.
- ZEA, L. *Discurso desde la marginación y la barbárie*. México, D.F.: FCE, 1990.

Recebido em: 08/08/2019

Aceito em: 17/09/2019